

# As Juventudes e a Educação Profissional no Ceará: um estudo de caso na EEEP Presidente Roosevelt

*João Gutemberg Nobre Simplício*

*Universidade Estadual do Ceará - UECE*

*Profa. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos*

*Universidade Estadual do Ceará - UECE*

<https://revistas.uece.br/index.php/inovacaotecnologiasocial/article/view/7746>

## Resumo

Neste artigo apresentamos algumas reflexões sobre a formação educacional de tempo integral como Política Pública, no Estado do Ceará, na EEEP Presidente Roosevelt, e as experiências das juventudes, enquanto cidadãos e agentes sociais ativos no processo de formação educacional. Apontamos que os jovens percebem a qualidade do ensino desenvolvido na referida EEEP, concebendo uma formação para além da técnica. Embora envolvidos em mais uma crise estrutural do Sistema Capitalista, em que a situação do desemprego atinge os trabalhadores e reestrutura as relações trabalhistas, os jovens buscam afirmar-se e encontrar caminhos para conquistarem o seu espaço. A escola, na óptica desses jovens, desempenha um papel fundamental no processo.

**Palavra-chave** ensino médio; educação profissional; educação integral; juventudes

## Abstract

In this article we present some reflections on the full time educational formation as a Public Policy, in the State of Ceará, in the EEEP President Roosevelt, and the experiences of the youths, as citizens and social agents active in the educational formation process. We point out that young people realize the quality of the education developed in the referred EEEP, conceiving a training beyond the technique. Although involved in another structural crisis of the Capitalist System, in which the situation of unemployment affects workers and restructures labor relations, young people seek to assert themselves and find ways to conquer their space. The school, from the perspective of these young people, plays a fundamental role in the process.

**Key-word** high school; professional education; integral education; youth

## Introdução

A Política de Educação Profissional no Estado do Ceará completou 10 anos em 2018 e, durante este período, algumas gerações de jovens frequentaram essas escolas, conquistando, ao fim do ciclo de formação do Ensino Médio, a certificação de técnicos em um dos 52 cursos ofertados por esta Rede de Ensino.

Assim, o que propomos nesse artigo é ampliar a discussão acerca da Política de Educação Profissional, desenvolvida pelo Governo do Ceará, tendo como objetos e agentes ativos jovens que experimentam o Ensino Médio nesta modalidade de ensino.

Com o intuito de ampliar a discussão sobre as representações do jovem enquanto categoria social buscamos apresentamos as suas razões dos ao optarem por estudar numa EEEP na perspectiva de perceber as suas expectativas relacionadas ao itinerário formativo escolhido.

A seguir, buscamos compreender o que os jovens pensam sobre o itinerário formativo que escolheram, as suas experiências pessoais e o significado para as suas vidas, a partir das dificuldades enfrentadas, as fragilidades percebidas nas escolas que dificultaram a sua formação e o papel da escola na construção dos seus projetos de vida.

Por fim analisamos a formação profissional na EEEP Presidente Roosevelt na visão dos jovens pesquisados após a conclusão do Ensino Médio, procurando apreender, nas suas falas, o que entendem por formação integral.

### **Estudar numa Escola Estadual de Educação Profissional, por quê?**

No Brasil, os jovens encerram a formação Básica após concluírem os 14 anos de estudos preconizados no Parágrafo 1º do art. 208 da Constituição Federal e a partir da Emenda Constitucional 59/2009<sup>1</sup>, que torna a educação básica obrigatória dos 04 aos 17 anos de Idade. Neste sentido, esta emenda constitucional, garante aos jovens o direito à educação pública e gratuita da pré-escola ao Ensino Médio.

Portanto, podemos constatar que o reconhecimento legal do Ensino Médio, enquanto direito e obrigação do Estado e das famílias para os jovens brasileiros, é relativamente recente. Nesse sentido, é preciso pensar esta etapa da educação básica tendo como parâmetro as necessidades dos jovens e os desafios que a sociedade lhes impõe.

A partir do ano de 2017, o País passa por um processo de implantação de uma nova reforma do Ensino Médio, que vem seguida de diversos questionamentos por parte dos educadores acerca das suas intencionalidades para a formação dos jovens. Porém sabemos que numa sociedade Capitalista, espera-se que os jovens se acomodem nas suas estruturas, evitando os abalos ou possíveis contestações à ordem estabelecida.

É sempre bom lembrarmos que o Ensino Médio, desde a redemocratização nos anos de 1980, foi palco de debates acerca da sua função na formação dos jovens, pois a orientação propedêutica e preparação para o prosseguimento dos estudos no Ensino Superior eram voltados, historicamente, para as classes mais abastadas, e o Ensino Profissional, voltado para os filhos dos trabalhadores; impasse esse que se luta para superar ainda hoje (GROSBAUM; FALSARELLA, 2017). Porém, diante das indefinições do novo governo, iniciado em janeiro de 2019, acerca dos rumos da Educação no País, com a troca do Ministro da Educação em menos de seis meses de governo e diversas nomeações e exonerações do Ministério da Educação e órgãos da sua estrutura, as diretrizes para essas questões estão bastante obscuras.

---

<sup>1</sup> De acordo com a emenda, os alunos entre 04 e 17 anos terão o apoio de programas suplementares do MEC, na época, destinados apenas aos matriculados no ensino fundamental e médio. Portanto, recursos do transporte e da alimentação escolares, dos programas do livro didático e de assistência à saúde foram estendidos a todos os estudantes da educação básica pública. (<http://portal.mec.gov.br>)

Assim, o movimento que ora se desdobra com a recente reforma do Ensino Médio tem reafirmado o compromisso do atual governo brasileiro com os interesses do grande capital internacional em detrimento da construção de uma modelo de educação que integre os conhecimentos científicos e culturais à perspectiva emancipatória do trabalho. (ARAÚJO; SILVA. 2017)

Procurando identificar quais as motivações que levaram os jovens a escolherem estudar em uma escola de Ensino Médio Integrado à Educação Profissional, observamos que o fato de possibilitá-los a uma profissão ao fim do Ensino Médio foi bastante relevante, como podemos verificar nas falas a seguir:

*Meu objetivo sempre foi uma boa oportunidade de um ensino qualificado para preparação do Enem e que eu pudesse sair do ensino médio com uma boa qualificação para o mercado de trabalho (aluna A).*

*No começo foi pela promessa de que quando saísse poderia entrar facilmente no mercado de trabalho e poder ter terminar o ensino médio com um curso (aluno F).*

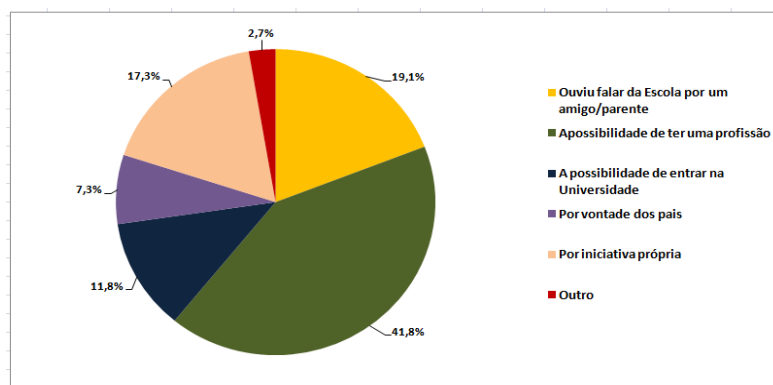
*Influência da família e desejo em entrar no mercado de trabalho cedo (aluno J).*

*Eu já conhecia alguns amigos que inclusive uma delas tinha estudado aqui e outros tinha estudado em outras escolas profissionalizantes (aluno D).*

*Ter uma melhor preparação para o vestibular e posteriormente ingressar na universidade, já que as EEEPs tinham um melhor ensino (aluna L).*

Como podemos perceber no gráfico a seguir, as falas dos jovens entrevistados se relacionam com as respostas obtidas através dos questionários, das quais destacamos 41,8%, que direcionam as motivações para o Mercado de Trabalho e 11,8%, que citaram o interesse pelo ingresso na Universidade como motivação principal. Essa percepção, disseminada entre os jovens, parece ser resultado das experiências exitosas de ex-alunos que socializaram as suas vivências com os colegas, das propagandas do governo e da postura da gestão das escolas, que afirmam ser “esse projeto de educação profissional, no Estado do Ceará, que objetiva não somente facilitar o acesso dos jovens estudantes ao mercado de trabalho, mas também contribuir para que estes deem continuidade aos estudos” (MELO, 2015, p.29).

**Gráfico 1: Motivação para ingressar na EEEP Presidente Roosevelt**



Fonte: Elaborado pelo autor

Nesta direção, a escola é representada como um espaço privilegiado, que possibilita a conquista de ascensão social e econômica, e, à educação, atribui-se a função promotora de crescimento, seja através da conquista de uma melhor qualificação para o trabalho, seja

para a continuidade nos estudos. Nos anos de 1970, a teoria do capital humano conferia à escola a função formadora de mão de obra qualificada para o mercado. Assim, percebe-se, na atualidade, esta retomada, e a essas são acrescidas as exigências do mercado nestes tempos de acumulação flexível, como nova fase da globalização da economia (FRANCO; NOVAES, 2001)

Em se tratando de uma Escola de Ensino Médio Profissionalizante e inserida no sistema educacional de um país que, historicamente, é submetido aos interesses das classes dominantes, a EEEP Presidente Roosevelt não está isenta à submissão do mercado, na construção do modelo de formação dos jovens que nela estudam. Essa situação nos leva a compreender que a “superação desse enfoque nos interesses do mercado, que imprime profundas marcas na educação brasileira, especialmente de nível médio, consiste no maior desafio a ser enfrentado” (GUIMARÃES; KING, 2017, p.58).

Neste sentido, corroboramos com RAMOS e CIAVATTA, ao defenderem a

(...) necessidade de se construir um projeto de ensino médio que supere a dualidade entre formação específica e formação geral e desloque o foco de seus objetivos do mercado de trabalho para a formação humana, laboral, cultural e técnico-científica, segundo as necessidades dos trabalhadores. (RAMOS; CIAVATTA, 2011 p. 31)

Embora possamos identificar que a criação das EEEPs partia do pressuposto de que a formação dos jovens passaria, necessariamente, por “uma concepção integral do ser humano, que agregue suas diferentes dimensões constituintes, com vistas à formação omnilateral dos sujeitos” (CEARÁ, 2014). Referindo-se, portando, à junção entre ciência, cultura e trabalho no processo de formação, o que se tem percebido é a submissão ao mercado de trabalho e à lógica do Sistema Capitalista, que se encontra imbricado no cerne dessa proposta Educacional, o que não está fora da realidade, diga-se de passagem, haja vista a situação de precariedade em que estão submetidos a grande maioria dos jovens no Brasil, e no Ceará não é diferente.

É bem verdade que esses ingressaram na escola majoritariamente com 14 anos, portanto, bastante novos para escolherem uma profissão ou definirem os seus projetos de vida. A famosa pergunta “o que vai ser quando crescer?”, que abre os sonhos de todos os jovens, esbarra nas condições precárias em que vivem. Muitas vezes, é necessário optar por um emprego, mesmo que não seja na área de formação, para garantir a sobrevivência ou complemento da renda familiar.

### **A percepção dos jovens acerca do seu itinerário formativo na EEEP Presidente Roosevelt**

A escola é o lugar onde os jovens consolidam a sua formação e prepararam-se para o mundo que os aguarda fora da instituição. Sabemos que este processo não é tão fácil como aparenta ser, é permeado de encontros, desencontros, alegrias, tristezas e muitos recontros.

Os jovens estudantes, na sua grande maioria, “não são beneficiados por políticas públicas suficientes que lhes garantam o acesso a bens materiais e culturais, além de espaços e tempos, onde possam vivenciar plenamente essa fase tão importante da vida” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.105). Em se tratando de uma EEEP, essa realidade não é diferente. O dia a dia na escola é bastante desafiador, tanto pela carga de estudos nas nove aulas diárias, como nas experiências compartilhadas no cotidiano escolar.

Considerando a jornada diária em uma EEEP, em que os jovens passam o dia em atividades pedagógicas, cumprindo 45 horas aulas semanais, longe dos seus familiares, fortalece o desenvolvimento de uma nova sociabilidade junto aos seus pares e aos membros

da comunidade escolar. Nesse processo de interação, podemos perceber que os jovens vão construindo as suas concepções acerca dos sentidos da escola e a sua função na construção de seus projetos.

Segundo Dayrell e Carrano (2014), este momento em que os jovens vivenciam as experiências no Ensino Médio é, também,

o momento que os jovens iniciam uma ampliação das experiências de vida, quando alguns deles começam a trabalhar, quando passam a ter mais autonomia para sair de casa à noite e poder escolher as formas de diversão. É quando procuram romper com tudo aquilo que os prendem ao mundo infantil, buscando outros referenciais para a construção da sua identidade fora da família. É o momento privilegiado de se descobrirem como indivíduos e sujeitos, buscando um sentido para a existência individual. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p.117)

É neste processo de construção de independência que os jovens vão interagindo com o saber escolar e com a proposta pedagógica da EEEP Presidente Roosevelt. Tendo uma visão privilegiada como gestor, temos percebido que está claro para os professores a apresentação para os jovens que a escola procura ampliar as suas potencialidades tanto para a formação técnica para o mercado de trabalho, como para a continuidade nos estudos, sendo esta uma estratégia de possibilitar aos jovens outros horizontes para o pós-Ensino Médio. Assim, temos percebido que “cada vez mais estes almejam inserir-se no mercado de trabalho e no ensino superior, após o término do curso” (MELO, 2015, p. 91).

Importante, neste sentido, a fala de alguns dos jovens entrevistados que relatam um pouco das suas experiências como estudantes na EEEP pesquisada:

*Minha vida na EEEP foi muito boa, aprendi muito. No começo não sabia o que realmente era uma EEEP, achava que só tinha pessoas de um único padrão social e de aparência, mas é totalmente diferente, existe uma diversidade cultural e étnica, diferentes realidades sociais. Isso foi muito importante para a minha vida pessoal (aluna L).*

*Foi uma experiência na qual eu tive oportunidades que, se estivesse em uma regular talvez não teria. A experiência mais enriquecedora que tive foi fazer parte de um projeto científico e viajar para defender ele fora do Estado, já que minha escola me dava oportunidade para fazer isto (aluno J).*

*Então a minha experiência aqui (na EEEP), além de ter me reformulado, porque eu sou uma outra pessoa, diferente da pessoa que eu entrei aqui. Ela me deu outra visão da vida. O que eu tenho que dar ou não valor, responsabilidades, interesses, amigos, porque eu sei que eu não conseguiria lá fora (aluno M).*

*Foi uma experiência que só quem já foi da escola profissional sabe: eu acho que a escola regular nem se comprara com a escola profissional, o dobro de coisa pra estudar... Mas eu sempre fui aquilo, eu sempre tive responsabilidade, sabia o que eu tinha que fazer (aluno I).*

*Eu cheguei aqui com o pensamento de criança, com uma mente de criança pode-se dizer assim, de pré-adolescente, e que eu saí daqui outra pessoa, totalmente mudada com outro pensamento de vida fora daqui (Aluna F).*

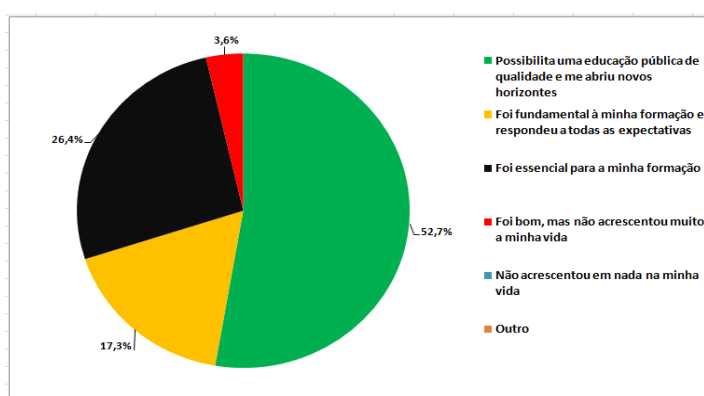
Embora possamos encontrar levemente uma adequação, nas falas dos jovens entrevistados, a uma a ideia de que as EEEPs “foram criadas na intenção de formar para o mercado de trabalho” (MOREIRA, 2017, p.118), percebemos, também, que outros aspectos são relevantes para os jovens nas suas experiências na escola, tais como a importância dada à concepção plural de sociedade e às oportunidades de desenvolvimento de pesquisas

científicas durante o Ensino Médio, possibilitando a socialização com outras instituições, como foi o caso de viagens para apresentar os resultados dos trabalhos em Feiras Científicas para além dos muros da escola.

Porém outras falas reafirmam a acomodação disciplinar exigida pelo mercado para o bom trabalhador. Percebemos isso quando os jovens citam a questão de afirmação de valores e responsabilidades, características que farão diferença no mundo pós-escola. São aspectos desenvolvidos pela escola que se fundamentam nas características da sociedade como: submissão, acomodação e adaptação. Estas são qualificações que acomodam-se ao mundo do trabalho e que serão exigência para os futuros profissionais. (CORTI, 2014)

Em contrapartida, ao perguntarmos aos jovens acerca do diferencial de terem estudado numa EEEP, a partir das suas percepções obtivemos os seguintes dados, expressos no gráfico abaixo:

**Gráfico 02 - O diferencial na formação**



Fonte: Elaborado pelo autor

Corroborando com as falas supra citadas, percebemos que 70% dos jovens entrevistados avaliam a proposta da EEEP Presidente Roosevelt como uma escola que possibilita aos jovens a ampliação para novos horizontes gerando uma sensação de satisfação em relação às expectativas em relação à escola. Em outra perspectiva, 30% dos jovens entrevistados declararam que a proposta da escola foi essencial a sua formação e que consideram pouco relevante a formação adquirida durante o Ensino Médio. Neste sentido, a maioria dos jovens pesquisados sentem-se satisfeitos e contemplados com a proposta pedagógica da escola, proporcionando-nos a compreensão de que, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas nas escolas para manter uma escola pública comprometida com a qualidade da educação dos jovens, a EEEP Presidente Roosevelt tem possibilitado aos jovens estudantes, na sua maioria, um ambiente pedagógico propício à aprendizagem e à mudança de perspectivas de vida.

Bom deixarmos claro que nem nas falas dos jovens entrevistados e nem entre os pesquisados encontramos indícios de crítica ao modelo de formação empreendido pela escola. Dentro do Sistema capitalista, a escola apresenta-se, neste sentido, como “uma das responsáveis por ensinar as competências necessárias para sustentação desse sistema que forma os discentes para a conformação do que está em voga” (MOREIRA, 2017, p. 112).

Contudo os jovens trazem no seu cerne a semente da transgressão e, nesse sentido, os jovens da EEEP presidente Roosevelt têm apresentado, nas suas falas, visão de mundo e colocações que vão de encontro ao que o sistema espera deles como potenciais trabalhadores e cidadãos. Não estaríamos falando de jovens se a premissa fosse de submissão total aos padrões estabelecidos.

Quando se deparam, ao chegar no primeiro ano na escola, com a dinâmica de aulas, somada à nova realidade que lhes é apresentada, numa etapa de ensino mais complexa do

que a anterior, os jovens apresentam algumas dificuldades nesse processo, como as citadas a seguir:

*As dificuldades que eu tive foi só de adaptação, porque a rotina é muito pesada! Ainda mais quando é assim no 2º ano, que no meu caso o curso técnico acarreta muito a gente e as disciplinas do 2º ano são as mais, digamos, importantes do ensino médio. Porque vai cair no ENEM, com certeza (aluna L).*

*O aluno deve estar disposto, e saber, que irá exigir do seu corpo. Tem o cansaço, pois passamos o dia na escola e de seu psicológico. A adolescência é uma fase conturbada onde tudo muda muito rápido e as coisas acontecem sem o nosso controle (aluno C).*

*Porque eu era acostumada a descansar depois da hora de almoço, antes de ir fazer minhas atividades e estudar para as provas. Então você ter que almoçar e ainda ficar tipo, uma hora assim, é um período de descanso mas não é um descanso físico (aluna H).*

*Logo no início eu tinha dificuldade porque eu era acostumado a acordar um pouquinho mais tarde né, porque a escola que eu estudava durante a manhã era um pouco mais próxima da minha casa. Eu tive que passar a acordar 5h40min, Mas a maior dificuldade que eu encontrei logo no início foi isso. A questão da adaptação do horário de acordar (aluno J).*

*Ficar o dia inteiro e não poder descansar tanto, ficar longe da minha casa e família podendo vê-los apenas à noite ou quando amanhece para ir novamente para a escola” (aluna G).*

Os jovens demonstram que a principal dificuldade enfrentada durante a sua formação na EEEP está relacionada à questão do cansaço acumulado durante todo um dia de atividades pedagógicas. Essa situação parece ser recorrente a todos os jovens que iniciam os estudos numa EEEP, pois a maioria das escolas do Ensino Fundamental mantém a organização seriada em turnos de 4 ou 5 aulas diárias. Então, hábitos, como dormir após o almoço, dormir até mais tarde, são readequados para a nova realidade escolar.

Segundo Melo (2015),

a extensa carga horária, que contempla a formação geral, formação técnica e parte diversificada, não necessariamente indica um currículo integrado, podendo tratar-se talvez de uma sobreposição de currículos. A preocupação com os aspectos teóricos, expressos no rol de disciplinas de cada curso, se não mantiver um estreito diálogo com a prática, pode mesmo cansar os estudantes que passam nove horas em sala de aula. (MELO, 2015, p. 73)

A autora amplia a discussão acerca da extensiva carga horária desenvolvida nas EEEPs, indicando que talvez não aconteça a integração curricular e sim uma sobreposição de conteúdos ministrados nas diversas disciplinas, o que tem contribuído, na visão da autora, para aumentar consideravelmente o cansaço entre os jovens estudantes. O que temos escutado dos jovens é que há a sensação de que a noite sempre é encurtada com a iminência da aula no dia seguinte, após um dia inteiro na escola.

Quando discutimos acerca das dificuldades enfrentadas pelos jovens pesquisados, relacionamos com um dos grandes problemas que ainda aflige as juventudes no Ensino Médio, a Evasão Escolar. Na EEEP Presidente Roosevelt, porém não encontramos registros de evasão, haja vista que os jovens que solicitam transferência durante um determinado momento do ano letivo, sempre apresentam uma situação que justifique a saída, não caracterizando abandono escolar. Porém essas transferências dão indícios da não adaptação dos jovens à proposta da escola, em que eles, juntamente com suas famílias, buscam uma adequação as suas aspirações pessoais.

## A formação na EEEP Presidente Roosevelt: a visão dos jovens após a conclusão do ensino médio

A Educação Profissional oferecida na rede de educação pública do Estado do Ceará formou, ao longo dos dez anos de funcionamento, aproximadamente, 90 mil jovens, em 52 cursos, distribuídos nas 122 EEEPs, espalhadas em 98 municípios do Estado. Já na EEEP Presidente Roosevelt, locus central desta pesquisa, foram 935 jovens formados em nível técnico nos cursos de Redes de Computadores (Informática até 2012), Estética e Edificações, até o ano de 2018. (INEP, 2010-2018)

Como proposta, estas escolas foram pensadas para responder ao Programa Brasil Profissionalizado, tendo por objetivo desenvolver uma formação técnica mais abrangente, em que se consolide os eixos acadêmico, profissional e diversificado, promovendo a integração do currículo e, neste sentido, oferecendo às juventudes uma formação para além do mercado de trabalho (LIMA, 2014).

Segundo Ramos (2017),

a vida humana é constituída por múltiplos processos sociais de produção material e simbólica, esses podem ser a referência do currículo. No caso da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio, os próprios processos produtivos, relativos às profissões, para as quais os estudantes são formados, podem ser essa referência. Por mais que esses sejam particularidades produtivas, que implicam em dimensões científicas e em técnicas específicas, eles guardam determinações da totalidade social que são de ordem econômica, política, histórica, cultural, ambiental dentre outras. (RAMOS, 2017, p. 35)

Conforme propõe a autora, a Educação Profissional deve voltar-se para desenvolver a integração dos saberes, envolvendo as várias perspectivas que tornam os homens e mulheres em seres sociais. Embora tenhamos a compreensão de que a formação do trabalhador dificilmente venha a romper com as exigências do sistema, entendemos que esta formação pode contribuir para a construção de uma mentalidade entre os jovens voltada para o fazer coletivo, mesmo cientes que esta não é a premissa do sistema capitalista no qual estamos inseridos.

Assim, procuramos compreender qual a visão que os jovens elaboraram acerca da sua formação, quando colocamos as duas instâncias no processo formativo da EEEP Presidente Roosevelt: mercado de trabalho e ensino superior. Acerca desses aspectos, selecionamos as seguintes falas dos jovens entrevistados:

*A escola é voltada para os dois. Porque ela mostra pra gente o principal, uma coisa que a gente nunca deve deixar de fazer que é estudar. Então ela mostra sim uma visão de trabalho, mas ela mostra também que a gente tem que cada dia buscar mais conhecimento (aluno C).*

*Eu acho que aqui fica bem dividido. Porque quando a gente tem muitas aulas da base comum, os professores focam mais na parte acadêmica, na parte universitária. Mas quando a gente vai pra base técnica, os professores já focam mais na parte profissional, então tem essa divisão assim (aluno D).*

*Esse modelo além de preparar para que o aluno ingressar no ensino superior, também propõe uma experiência e vivência profissional qualificada. Fazendo com que o indivíduo tenha opções após o término (aluno M).*

*Ter uma melhor preparação para o vestibular e posteriormente ingressar na universidade, já que as EEEP's tinham um melhor ensino. Fora isso queria terminar o ensino médio com uma profissão que somente as Escolas Profissionais poderiam me oferecer (aluna L).*



Observamos nas falas dos jovens a percepção de que a proposta de formação ofertada pela escola está voltada tanto para a formação profissional como para a preparação para o Ensino Superior. Ramos (2017) defende que a proposta da escola de Educação Profissional deve partir de uma concepção problematizada do processo de educação, na medida em que a formação técnica e a formação geral estiverem inseridas nas diversas esferas da sociedade.

Os jovens analisam as suas experiências na escola numa perspectiva, ora como dividida entre as instâncias acadêmicas e profissionais, como relata o aluno D, ora como compreendendo os saberes como complementares, destaque dos alunos L, M e C. Assim, os três últimos parecem compreender a importância do currículo escolar integrado, possibilitando aos jovens estudantes uma maior preparação a vida pós-escola.

Nesta mesma perspectiva, Guará (2006) amplia a discussão afirmando que a

educação deve, portanto, considerar esses saberes que garantem aos homens sua sobrevivência, seus relacionamentos pessoais e sociais, seu trabalho produtivo e o sentido para sua vida. Essas são tarefas de toda uma vida. Para dar conta delas, há um conjunto de conhecimentos sistematizados e organizados no currículo escolar e também há as práticas, habilidades, costumes, crenças e valores que conformam a base da vida cotidiana e que, somados ao saber acadêmico, constituem o currículo necessário à vida em sociedade (GUARÁ, 2006, p. 17)

Este, na visão da autora, parece ser o papel da escola: possibilitar a apropriação, por parte do ser humano, de um conjunto de saberes que o possibilite a uma vida em sociedade. Sustentamos a ideia de que a escola está inserida numa sociedade dita capitalista e, no atual momento político do país, encontra-se sob a (des)orientação de um governo de extrema direita, limitando o seu poder transformador da sociedade.

Contudo corroboramos com Mészáros, ao defender que “a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora” (MÉSZÁROS, 2008, p. 76), enquanto educadores, acreditamos que a fagulha desta transformação social se faz presente nas vidas dos jovens que conseguem construir, a partir da escola, espaços de transformação das suas vidas.

No segundo semestre do terceiro ano de formação, todos os jovens devem cumprir o estágio curricular obrigatório. Para os cursos do Eixo Saúde são 600 horas a serem cumpridas numa empresa concedente e para os demais eixos tecnológicos, são 300 horas em campo e outras 100 horas desenvolvendo um projeto social.

Conforme Alencar (2015),

O estágio curricular é realizado em diferentes instituições, tanto privadas quanto públicas, oportunizando ao estudante a convivência e a vivência da realidade que constituirá o cenário de sua atuação no futuro como profissional. Os alunos em campo de estágio são assistidos por um professor orientador e supervisionados por um responsável designado diretamente pela instituição concedente. A avaliação do estagiário envolve a apuração de frequência e a análise das competências técnicas, observadas/coletadas nas situações do campo de estágio. (ALENCAR, 2015, p. 44)

De acordo com o autor, é neste momento que o jovem estudante vai vivenciar, em uma empresa pública ou privada, a atuação profissional que desenvolverá futuramente. Neste período, os estudantes recebem uma bolsa estágio que, para o autor, tem a função de apoiar o jovem no cumprimento desta Unidade Curricular (ALENCAR, 2015).

Importante destacar que o componente curricular do Estágio nas EEEPs é obrigatório e regulamentado pelo Decreto de nº 30.933, de 29 de junho de 2012<sup>2</sup>. Os jovens recebem bolsa-estágio no valor de R\$ 3,88/hora e auxílio transporte para os que necessitam de deslocamento no trajeto escola/estágio/casa, no valor de R\$ 3,20/dia.

Observando os momentos que antecedem o início do estágio curricular, percebemos que os jovens ficam bastante apreensivos com o que os aguarda na empresa concedente. Os professores orientadores, assessorados pela coordenação de estágio da escola, preparamos para este momento, organizando os currículos profissionais, agendando as entrevistas e dando as orientações acerca desta primeira etapa do processo.

Como componente curricular obrigatório, o estágio acaba sendo a primeira experiência profissional para a maioria dos jovens alunos, e é quando o espaço da escola passa a ser dividido com o espaço da empresa, os jovens, geralmente, desenvolvem uma pequena confusão no que diz respeito ao ser e fazer-se estudante, ou seja, o estágio e as funções desenvolvidas na empresa passam a ser priorizadas em detrimento da dedicação nos estudos.

*Eu decidi que queria o curso com o estágio, é mais o ponto da qualidade do estágio. Eu soube que eu queria fazer engenharia civil porque eu estava estagiando na área: antes de estagiar na área eu só conhecia a parte teórica, que eu odiava. Aquilo ali me incentivou a ir pra Engenharia Civil. (aluno I).*

*E a experiência final é o estágio, onde você tem que pôr os seus conhecimentos em prática e no meu estágio eu fui muito bem recebida, parecia que eu já era de casa há tempos. A empresa que estagiei nunca tinham recebido pessoas de colégio profissionalizante, mas eles recebiam estagiários de faculdade e aí eles falaram assim: "Não, eu achei essa ideia maravilhosa! Porque vocês tão aprendendo pra ver se realmente é isso que vocês querem pra vida de vocês". E aí tem essa questão que o colégio profissional ajuda a gente. Já pensou se eu fosse fazer engenharia civil? E depois que eu entrei no colégio, eu falei: "Não, não é isso que eu quero pra mim. Eu gosto da área, mas eu não quero passar minha vida toda" (aluna G).*

*É muito útil pois o aluno irá aprender mais, não apenas, as matérias base do ensino médio mas também uma com foco profissional que ajudará ele a decidir seu futuro (Aluno D).*

*O contato com o mercado de trabalho é essencial para colocar em prática aquilo que aprendeu e para avaliar se realmente é essa a profissão que você quer seguir (Aluna H).*

*No começo do estágio tem um certo nervosismo, a gente sente aquele cansaço porque a gente vê como é estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Então ele deu tipo uma luz pra gente, deu como é a noção, vê como é importante saber dividir os dois tempos. A gente tem que ter foco em estudar e foco em desenvolver nosso estágio (aluno C).*

*A falsa ilusão de capacitação frente a um mercado muito exigente atualmente (Aluna A).*

Podemos perceber, nas falas destacadas acima, que o estágio curricular apresenta significados diferentes para os jovens entrevistados. Os quatro primeiros relatam que, embora tenham concluído o Ensino Médio, seguindo um itinerário formativo fixo, foi durante o estágio que decidiram qual a área profissional que iriam seguir. O Aluno I, que

---

<sup>2</sup> De acordo com a **Lei Federal 11.788**, o poder público não tem obrigação de oferecer estágios remunerados aos estudantes das escolas de educação profissional. No entanto, o governo do Ceará, reconhecendo a importância dos estágios para a formação técnica dos alunos, assumiu esse compromisso, tornando o estágio curricular remunerado, conforme estabelece o **Decreto n. 30.933**, de 29 de junho de 2012. Todos os custos que envolvem o processo de estágio são financiados pelo Governo Estadual. Não há ônus financeiro para as empresas e instituições concedentes de estágios. (<https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br>)

cursou Edificações, decidiu por seguir na área e entrar para o curso de Engenharia Civil, após a experiência adquirida no campo de estágio. Na mesma direção, segue o aluno D, que decidiu por engenharia das telecomunicações. Já as alunas G e H comentam que o estágio mostrou que aquela não era a área que desejavam trabalhar. A primeira optou por ingressar no curso de Nutrição e a segunda Letras/Espanhol, carreiras bem distintas do itinerário formativo profissionalizante trilhado no Ensino Médio.

Segundo Melo (2015),

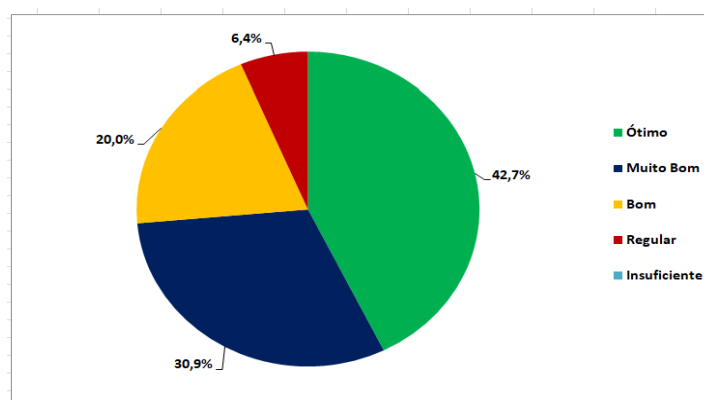
O estágio faz parte do projeto pedagógico de cada curso e integra o itinerário formativo do estudante, desenvolvendo as competências próprias da atividade profissional. Visa promover o desenvolvimento do estudante para a vida cidadã, refletindo na sua atuação profissional. (MELO, 2015, p.51).

Embora o estágio reflita uma pequena experiência profissional, possibilita uma reflexão acerca dos projetos pessoais dos jovens alunos. Na perspectiva da autora, é um contato direto com o universo profissional, no qual o jovem se depara, na prática, com as exigências do mercado de trabalho. É nesse momento de interação que os jovens repensam os seus projetos e encaminham a busca de novos horizontes e oportunidades.

Chama a atenção a fala da aluna A que defende a ideia de que o estágio nada mais é do que uma *falsa ilusão de capacitação*, demonstrando uma certa compreensão do atual momento do Sistema Capitalista, marcado pela precarização do trabalho e pela função educativa da instituição escolar voltada para uma formação para a empregabilidade ou para o desemprego (FRIGOTTO, 2001), atingindo os jovens se preparam para a vida profissional após a conclusão do Ensino Médio. Neste sentido, é importante deixar claro que as empresas não desembolsam nenhum custo neste processo, transformando o estágio em um serviço do Estado que responde aos desígnios do Capital (MONTEIRO, 2015; NASCIMENTO, 2016; MOREIRA, 2017).

Quando nos reportamos à pesquisa com os demais alunos e alunas da EEEP Presidente Roosevelt, ao serem questionados, ao final do curso, sobre a avaliação que fazem do estágio obrigatório no processo de formação, encontramos os resultados expressos no gráfico abaixo:

**Gráfico 03 - Avaliação do estágio para a formação**



Fonte: Elaborado pelo autor

Observando o gráfico, constatamos que os jovens pesquisados avaliam positivamente o estágio. Numa escala de bom a ótimo, percebemos um percentual de 93,6% de satisfação dos jovens em relação a importância do estágio para a formação técnica na EEEP Presidente Roosevelt. Apenas 6,4% assinalaram que é regular, não tendo muita interferência no que querem seguir após a conclusão do curso.

## Considerações finais

Como uma política pública de governo, as EEEPs passaram a representar uma possibilidade educacional diferenciada para parcela considerável das juventudes cearenses, na busca por melhores alternativas às suas condições sócio econômicas, na medida em que ingressavam no Ensino Médio integrado à formação profissional em nível técnico.

Nesse sentido, buscamos como objetivo geral compreender a formação educacional de tempo integral como Política Pública no Estado do Ceará, na perspectiva das juventudes e, a partir da análise dos dados, percebemos que os jovens que estudam na EEEP Presidente Roosevelt percebem este modelo de escola como um espaço de preparação que vai além da formação técnica, ampliando essa formação para o amadurecimento emocional e educando para a cidadania (GADOTI, 2009).

Compreendemos que foi grande o desafio de discutir com estes jovens as suas expectativas, impressões acerca deste modelo de escola e as suas representações do ponto de vista social, tomando a formação dos filhos dos trabalhadores não apenas como a reprodução do sistema de exploração, mas como uma possibilidade de qualificar a educação desta camada social, há séculos, explorada e subjugada nesta sociedade Capitalista.

Percebemos que os jovens estudantes da EEEP pesquisada, buscam uma oportunidade de profissionalização, inserção no mercado de trabalho e, se possível, dar continuidade aos estudos, ingressando no Ensino Superior, o que nos faz compreender a importância dada à escola por esta categoria, em uma perspectiva de concebê-la como um passaporte para a melhoria das suas condições de vida.

Importante destacar, nesse sentido, que o fato de encontrarmos uma parcela considerável de pais com nível de escolarização média e alguns, com nível superior, possibilita à escola um trabalho mais sistematizado, envolvendo as expectativas dos pais na formação dos filhos.

Contudo, o estudo nos mostra que a escola acaba sendo submetida à lógica do sistema capitalista, seja pela tendência do Estado em direcionar a formação dos jovens na Educação Profissional para o mercado de trabalho ou para o Ensino Superior, seja na expectativa expressa pelos jovens ao iniciar o ciclo de formação na EEEP.

Assim, as experiências dos quais estes jovens passam durante o Ensino Médio, na EEEP Presidente Roosevelt, leva-os ao encontro dos desafios impostos pela sociedade, e, a partir do processo formativo, veem-se diante de um universo econômico de crise política, institucional e econômica.

Atualmente, vivemos tempos obscuros e incertos quanto à formação dos jovens filhos dos trabalhadores. Com a aprovação do Novo Ensino Médio e sua implantação em curso, a educação no país parece estar sendo concebida aos moldes burgueses, oferecendo à classe trabalhadora uma formação fragmentada e incompleta, sob a égide do discurso da modernidade e da integração à sociedade global (RAMOS, 2017), situação em que, a nosso ver, tende a aumentar a exclusão e a pobreza, que já apresentam, historicamente, índices alarmantes em nosso país.

Lutar por uma escola pública de qualidade deveria ser a bandeira de todos os que comandam a nação. Contudo o que vemos é o crescimento de um projeto de sociedade cada vez mais excludente e segregador.

Nesta perspectiva, apresentamo-nos bastante pessimistas quanto ao futuro das novas gerações envoltas em projetos de poder que não leva em consideração a formação do ser completo, e sim fragmentado e submetido a um modelo de trabalho precarizado que não possibilita a verdadeira autonomia do sujeitos.

Os jovens pesquisados, porém, tem a percepção de que ao estudarem neste modelo de escola acabam concluindo um Ensino Médio de melhor qualidade em relação aos jovens que estudam nas escolas públicas regulares, demonstrando que, apesar da lógica de exploração do sistema, a EEEP Presidente Roosevelt proporciona o desenvolvimento de um pensamento crítico, contribuindo para que os jovens consigam sistematizar os seus projetos de vida, ainda em construção após a conclusão do Ensino Médio.

Esses jovens compreendem a sua formação para além da técnica, gerando um vínculo com a proposta institucional, com os membros da comunidade docente e com os colegas numa perspectiva de empreender a concepção de uma sociedade diversa e permeada de desafios aos jovens recém-egressos da Educação Básica.

Educar para o trabalho é educar para a vida; é possibilitar a uma parcela de jovens a construção de um pensamento reflexivo, para que compreendam a complexidade do sistema capitalista, do qual estamos inseridos, buscando alternativas de vida que se apresentem para além da vida produtiva.

Contudo, o que pensar da formação dos jovens e das juventudes neste contexto de incertezas quanto ao futuro da educação no país? Em meio às falas apresentadas pelo atual governo, em que a tônica do discurso é de cortes no orçamento da Educação Básica, de desestruturação das Universidades e Institutos Federais, de diminuição do aparelho estatal, de reforma da previdência, de reforma trabalhista, enfim, de subjugação do Estado Brasileiro à lógica perversa do Sistema de exploração Capitalista, mantemo-nos apreensivos e pessimistas quanto à formação que será oferecida ao jovens que chegarão ao Ensino Médio nos anos vindouros.

Esperamos, ao final deste estudo, ter contribuído de maneira assertiva para a ampliação da discussão acerca da importância das Políticas Públicas para as juventudes no Brasil e no nosso Estado, bem como contribuir para uma maior compreensão acerca da função social e econômica das Escolas Estaduais de Educação Profissional no Ceará, na perspectiva das juventudes, dentro deste contexto de crise de sistema capitalista, que gera incertezas e escassez de trabalho e que afeta diretamente as juventudes que buscam o seu espaço social.

## Referências bibliográficas

ALENCAR, Antônio Idilvan lima. e LIMA, Vagna Brito de. O Ensino Médio entre consensos e dissensos nas Políticas Educacionais: um olhar sobre a educação cearense. In: **Educação em pauta: uma agenda para o país**. Brasília: Athalaia, 2018.

\_\_\_\_. **A política de educação Profissional do Ceará na perspectiva da responsabilidade social**.2015. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/CAEd. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<http://www.mestrado.caeduff.net/a-politica-de-educacao-profissional-doestado-do-ceara-na-perspectiva-da-responsabilidade-social/>>. Acesso em: 13 abr.2018.

ARAÚJO, Adilson Cesar; SILVA, Cláudio Nei Nascimento da. Ensino Médio Integrado: uma formação humana para uma sociedade humana. In: **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed.IFB, 2017.

AZEVEDO, José Clóvis de. Política educacional e politécnica: a experiência do Rio Grande do Sul.In: **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed.IFB, 2017.

BARBOSA, Regina Marcia; ALOFORADO, Joaquim Luís Medeiros. Possibilidades e expectativas sobre a educação profissional: uma aproximação entre realidades observadas no Brasil e em Portugal. **Crítica e Educativa**, Sorocaba, v.3, n.3, p.245-262, 2017. Disponível em:

<<http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/278>>. Acesso em: 21 fev.2019.

BEZERRA, Fábio Aparecido Martins. Institutos Federais: inovação, contradições e ameaças em sua curta trajetória. In: **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed.IFB, 2017.

BERNARDIM, Márcio Luiz. Ensino médio e educação profissional: quem são e que sentido dão à escola os alunos da oferta noturna. In: **Juventude e ensino médio: sentidos e significados da experiência escolar**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2016.

BRASIL. Ministério Da Educação. **Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado ao Ensino Médio - Documento Base 2007**. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento\\_base.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Médio Inovador- Documento Orientador**. Brasília: MEC/SEF, 2016. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/docman/novembro-2016-pdf/50311-documento-orientador.../file](http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2016-pdf/50311-documento-orientador.../file)>. Acesso em: 22 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Lei 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez.1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 22 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Competências, conhecimentos e valores na concepção curricular do novo ensino médio**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/competencias.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/competencias.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Profissional de nível técnico**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc\\_download&gid=11663](http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=11663)>. Acesso em 22 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Decreto 2.208/1997. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1997. Disponível em [portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento\\_base.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf). Acesso em 22 de mai. de 2017.

\_\_\_\_\_. Decreto Nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a. 41 da Lei nº 9.394. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 jul. 2004. Disponível em: <[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5154.htm)>. Acesso em: 22 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Subsídios para o processo de discussão da proposta de anteprojeto de lei da educação profissional e tecnológica**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <[portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/subs\\_02fev05.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/subs_02fev05.pdf)>. Acesso em: 25 jun.2017.

\_\_\_\_\_. Constituição Dos Estados Unidos Do Brasil de 10 de novembro de 1937. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 nov. 1937. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao37.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm)>. Acesso em: 18 jul. 2017.

CEARÁ. **Plano integrado de educação profissional e tecnológica do Estado do Ceará**. Brasília: ESMEC, 2017. Disponível em: <[http://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2010/09/pi\\_educacao\\_profissional.pdf](http://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2010/09/pi_educacao_profissional.pdf)>. Acesso em: 10 jul.2017.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 14.273, De 19 De Dezembro De 2008. Dispõe sobre a criação das Escolas Estaduais de Educação Profissional – EEEP, no âmbito da Secretaria da Educação, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do Ceará**, Fortaleza, CE, 2008. série 2, Ano 11, n.245, p.23.

\_\_\_\_\_. Secretaria da Educação. **Relatório de Gestão: o pensar e o fazer da educação profissional no Ceará 2008-2014**. Fortaleza: SEDUC-CE, 2014. Disponível em: <[http://www.educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/relatorio\\_de\\_gestao\\_2008\\_2014/re\\_latorio\\_de\\_gestao\\_2008\\_a\\_2014.pdf](http://www.educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/relatorio_de_gestao_2008_2014/re_latorio_de_gestao_2008_a_2014.pdf)>. Acesso em: 12 maio 2018.

\_\_\_\_\_. Portaria nº1305 de 20 de novembro de 2018. Dispõe do processo de matrículas na rede estadual de ensino para o ano letivo de 2019. **Diário Oficial do Estado do Ceará**, Fortaleza, 2018, série 3, ano 10, n.216.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <[http://www.cnte.org.br/images/stories/retratos\\_da\\_escola/retratos\\_da\\_escola\\_08\\_2011.pdf](http://www.cnte.org.br/images/stories/retratos_da_escola/retratos_da_escola_08_2011.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CORROCHANO, Maria Carla. Jovens no Ensino Médio: qual o lugar do trabalho? In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

CORTI, Ana Paula. Ser aluno: um olhar sobre a construção social deste ofício. In: DAYRELL, Juarez ; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. In: **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

\_\_\_\_\_. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. 1998. 143 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Humanidades. Departamento de Ciências Sociais. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1998. Disponível em: <[http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4060/1/1998\\_Tese\\_GMSDiogenes.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4060/1/1998_Tese_GMSDiogenes.pdf)>. Acesso em: 25 fev.2019.

DOUTOR, Catarina. Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: perspectivas e reflexões. **Última década**, Santiago, v. 24, n. 45, p. 159-174, dez. 2016. Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S071822362016000200009&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071822362016000200009&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out.2018.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. **Ensino médio integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. A política de Educação Profissional no Governo Lula: um percurso histórico controvertido. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n.12, p. 1087-1113, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 ago.2018.

\_\_\_\_\_. **A formação do cidadão produtivo**: a cultura de mercado no ensino médio técnico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

\_\_\_\_\_. Educação e trabalho: bases para debater a educação profissional emancipadora. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 71-87, jan. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/8463>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

\_\_\_\_\_, CIAVATTA, M.; RAMOS, M. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral de trabalhadores. In: COSTA, H.; CONCEIÇÃO, M. **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: CUT, 2005.

GADOTTI, Moacir. **Educação Integral no Brasil**: inovações em processo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. **Cadernos Cenpec, Nova série**, v. 1, n. 2, p.33-37, ago. 2006. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/168>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GUIMARÃES, Iza Manuella Aires Cotrim. KING, Janylle Rebouças Ouverney . Por dentro do sistema educacional finlandês: elementos para se repensar o **Ensino Médio Integrado no Brasil**. In: Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios. Brasília: Ed. IFB, 2017.

GRABOWSKI, Gabriel; KUENZER, Acácia Zeneida. A produção do conhecimento no campo da Educação profissional no Regime de Acumulação Flexível. **HOLOS**, v. 6, p. 22-32, out. 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4983>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

GROPPO, Luís Antonio. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 9-17, mar. 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822017000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822017000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 16 out. 2018.

\_\_\_\_\_. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.22-28, jan./jul., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/issue/view/2289>>. Acesso em: 18 out.2018.

\_\_\_\_\_. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista Brasileira de Educação**, v.7, n.24, p.22-28, set./dez., 2003. Disponível em: <<https://www.redemethodista.edu.br/revistas/revistascogeime/index.php/COGEIME/article/view/629>>. Acesso em: 19 jan. 2019.



\_\_\_\_\_. Condição *juvenil* e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Última década**, Santiago, v. 18, n. 33, p. 11-26, dez. 2010. Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S07182236201000020002&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S07182236201000020002&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 10 fev.2019.

\_\_\_\_\_. Sentidos de juventude na Sociologia e nas políticas Públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 20, n 1, p. 383-402, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/5062>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

GROSBAUM, Marta Wolak; FALSARELLA, Ana Maria. Condição jovem: juventude e ensino médio no Brasil. **Cadernos Cenpec - Nova série**, v. 6, n. 2, p.10-22, jun. 2017. Disponível em: <<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/368>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Senso 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2010. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2012. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2013. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2014. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2015. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2016. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Escolar**. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KUENZER, Acácia Zeneida. O Ensino Médio agora é para a vida. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.21, n.70, p.15-39, 2000.

\_\_\_\_\_. A educação profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão. **Educ. Soc.**, v.27, n.96, p.877-910, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302006000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000300012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 04 jun. 2018.

\_\_\_\_\_; GRABOWSKI, Gabriel. Educação Profissional: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 297-318, abr. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10762>>. Acesso em: 04 set. 2018.

KRAWCZYK, Nora. Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

LEAO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do ensino médio. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 31, n. 84, p. 253-273, ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010132622011000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622011000200006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ. Soc.**, Campinas, v.32, n. 117, p. 1067-1084, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302011000400010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302011000400010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 mar. 2019.

LIMA, Ana Léa Bastos. **Escolas estaduais de educação profissional: a experiência de ensino médio integrado à educação profissional no Ceará a partir de 2008**. 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<http://www.mestrado.caedufjf.net/escolasestaduais-de-educacao-profissional-a-experiencia-de-ensino-mediointegrado-a-educacao-profissional-no-ceara-a-partir-de-2008/>>. Acesso em: 16 maio 2018.

LINHARES, Naedja Pinheiro Rodrigues. **Escolas estaduais de educação profissional do Ceará: uma reflexão sobre o modelo de gestão de tecnologia empresarial socioeducacional**. 2015. 119f. Dissertação (Mestrado Profissional em em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1379>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

MANACORDA, Mario A. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alínea, 2007.

\_\_\_\_\_. **O princípio educativo em Gramsci: americanismo e Conformismo**. São Paulo: Alínea, 2008.

MELO, Maria Alves de. **A proposta pedagógica das escolas estaduais de educação profissional do estado do Ceará**. 2014. 126f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <<http://www.mestrado.caedufjf.net/a-proposta-pedagogica-das-escolasestaduais-de-educacao-profissional-do-estado-do-ceara/>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MONTEIRO, Raquel Araújo. **Escolas estaduais de educação profissional do Ceará e a tecnologia empresarial socioeducacional**: a transposição da lógica empresarial para a escola pública. 2015. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/13039>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

MOREIRA, Damares de Oliveira. **Pedagogia das competências e escolas estaduais de educação profissional do Ceará**: formando para o mercado. 124f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/24659>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

MOURA, Dante Henrique. Educação Básica e Educação Profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **HOLOS**, v. 2, n.6, p. 4-30, mar. 2007. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11>>. Acesso em: 16 ago.2018.

\_\_\_\_\_. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educação e Pesquisa**, v.6, n.39, p. 22-27, jul. 2013. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29827632012>>. Acesso em: 16 jan.2019.

\_\_\_\_\_; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 63, p. 1057-1080, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782015000401057&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000401057&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. **Educação profissional**: desafios teórico-metodológicos e políticas públicas. Natal: IFRN, 2016.

NASCIMENTO, Ana Carolina Veras do. **Ensino médio integrado à educação profissional (2008-20014)**: crítica à concepção empresarial em escolas de Educação profissional Cearense. 2016. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

\_\_\_\_\_. MOURA, Dante Henrique. DAMASCENA, Edilza Alves. Ideologia Empresarial nas Escolas Estaduais Educação Profissional cearenses. In: **Ensino médio integrado no Brasil**: fundamentos, práticas e desafios. Brasília: Ed.IFB, 2017.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. SBARDELOTTO, Denise Kloeckner. A escola unitária: Educação e trabalho em Gramsci. **Revista HISTEDBR**, Campinas, v.21, n.30, p.275-291, jun.2008. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/30/art17\\_30.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/30/art17_30.pdf)>. Disponível em: 17 jan. 2018.

PEREIRA, I.B.; RAMOS, M.N. **Educação profissional em saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PORTO, Walter Costa. **1937**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: <[http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137571/Constituicoes\\_Brasileiras\\_v4\\_1937.pdf](http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/137571/Constituicoes_Brasileiras_v4_1937.pdf)>. Acesso em: 23 maio 2019.

RAMOS, M. N.; CIAVATTA, Maria. Ensino Médio e Educação Profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Retratos da Escola**, v. 5, n.4, p. 27-41, 2011. Disponível

em:<<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/45/42>>. Acesso em: 20 jan.2019.

\_\_\_\_\_.Educação tecnológica como política de estado. In: **Jovens, ensino médio e educação profissional: políticas públicas em Debate**. Campinas: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_.Ensino Médio Integrado: lutas históricas em tempos de regressão. In: **Ensino médio integrado no Brasil: fundamentos, práticas e desafios**. Brasília: Ed. IFB, 2017.

SANTOS, Deribaldo; MENDES, José Ernandi; MENDES SEGUNDO, Maria das Dores. Educação profissional: crítica à implantação do projeto ensino médio integrado do Ceará. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.25, n.3, p. 189-205, set-dez.2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/issue/view/447>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Educação e precarização profissionalizante: crítica à integração da escola com o mercado**. São Paulo: Instituto Lukács, 2017.

SILVA, Mônica Ribeiro da; PELISSARI, Lucas Barbosa ; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educ. Pesqui.**, v.39, n.2, p.403-417, nov. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000200008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 27 dez.2017.

SILVA, Roselani Sodrê da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792011000300013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000300013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 23 ago. 2018.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Castelo a Tancredo - 1964-1985**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Rev. Bras. Educ.**, v.12, n.24, p.16-39, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03>>. Acesso em: 30 jan.2018.

\_\_\_\_\_. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**, v.6, n.5, p.34-42, dez. 1997. Disponível em: <[https://www.feis.unesp.br/Home/DSAA/DSAA/ProjetoGQTSCM/documentos/educacao/educa%e7%e3o%20e%20juventudeMARILIA\\_PONTES\\_SPOSITO.pdf](https://www.feis.unesp.br/Home/DSAA/DSAA/ProjetoGQTSCM/documentos/educacao/educa%e7%e3o%20e%20juventudeMARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf)>. Acesso em: 23 jan.2019.

STOKI, Patricia. GELBCKE, Vanessa Raianna. Juventudes e escola: os distanciamentos e as aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. In: SILVA, Monica Ribeiro da; OLIVEIRA, Rosângela Gonçalves. **Juventude e ensino médio: sentidos e significados da experiência escolar**. Curitiba: EdUFPR, 2016.

STRYHALSKI, Patrícia Murata. GESSER, Verônica. FISCHER, Gabriela Maia. Trabalho e empregabilidade na Educação profissional: reflexões a partir do materialismo Histórico. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 11, n.1, p. 23-40, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4362>>. Acesso em: 20 jun.2019.

TONET, Ivo. **Educação contra o capital**. 2. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

URBANA, Legião. **Tempo Perdido**. Álbum: Dois. Abril coleções, 1986.

WELLER, Wiviam. Jovens no Ensino Médio: Projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2014.

VIEIRA, Sofia Lecher. VIDAL, Eloísa Maia. Organização e políticas de ensino médio no Ceará. In: **Políticas de ensino médio no Ceará: escola, juventude e território**. Fortaleza: EdCEnPEC, 2016.

\_\_\_\_ VIEIRA, Sofia Lecher. VIDAL, Eloísa Maia. Ensino médio no Ceará: igualdade versus qualidade na implementação do direito à educação. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v.6, n.2, p.106-130, jul./dez. 2016. Disponível em:  
<<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/issue/view/21>.  
Visualizado em: 18/08/2108.

ZIBAS, Dagmar M. L. A reforma do ensino médio no Ceará e suas contradições. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 171-199, Apr. 2005. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742005000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 set. 2018.